

## **EQUIPE FEMININA NABBA BRASIL NO WORLDCHAMPIONSHIP 2010**

Taís Akemi Dellai Oshita/UEM

Patrícia Lessa/UEM

**Resumo:** A solicitação de redução da massa muscular mulheres culturistas encaminhada por algumas Federações que organizam os campeonatos, parte do argumento de perda da feminilidade, e pode ser lido como mais um passo para consolidação das desigualdades de gênero. Não bastasse o preconceito social que recai sobre estas atletas as Federações, também resolvem, desde 2005, reproduzirem o discurso da ‘falta de feminilidade’. Tentando compreender esta reprodução ancorada em uma sexualidade naturalizada analisamos as narrativas sobre as categorias femininas do culturismo que participaram do Mundial Nabba 2010 na ilha de Malta. O estudo se caracteriza por uma pesquisa participante, por trata-se de um enfoque de investigação social por meio do qual se busca plena participação da comunidade na análise de sua própria realidade. Desse modo as pesquisadoras não estão descoladas do objeto da pesquisa. As narrativas apontam para as desigualdades de gênero, e na ótica da pesquisa feminista devemos deduzir que o culturismo feminino é um *locus* privilegiado de resistência aos modelos hegemônicos de corpo, um local de confronto e luta por espaços.

**Palavras-chave:** fisiculturismo; mulheres; categorias; critérios de arbitragem.

O fenômeno desportivo é um frutífero campo para o estudo da corporeidade feminina, pois, muitas práticas foram e ainda são interditas às mulheres. A crença na vulnerabilidade biológica e na fragilidade inata deixou as mulheres de fora de muitos eventos desportivos. Fragilidade, vulnerabilidade e passividade são características totalmente desfavoráveis à exigência da performance atlética, onde tanto as mulheres como os homens devem extrapolar suas capacidades físicas. Os esportes como outros fenômenos sociais são cheios de hierarquias. Uma clara distinção entre os gêneros é feita e nessa diferença as mulheres levam a pior: falta de investimentos, falta de campeonatos e falta de patrocínios, cito o exemplo do Olímpia de 1987, onde Cory Everson mais uma vez sagrou-se campeã e levou o “prêmio de US\$ 25.000”, naquele mesmo ano, Lee Haney ganhou o “prêmio de US\$ 55.000” pelo primeiro lugar (CORY, 1987). O prêmio masculino é mais que o dobro do valor, porém o trabalho, o desgaste, os investimentos não podem ser comparados nesta perspectiva.

O Fisiculturismo é um dos esportes onde as mulheres encontraram certa resistência, mulheres praticantes de esportes como ciclismo, halterofilismo, futebol e lutas de todo gênero carregaram o estigma de praticarem ‘esportes masculinos’ como era vigente no

Decreto Lei nº 3.199/CND (DEVIDE, VOTRE, 2005; ROMERO, 1997). No universo dos esportes, como em outras esferas sociais, os avanços são, muitas vezes, intercalados com retrocessos, como é o exemplo das competições femininas de musculação, que depois de um longo tempo de evolução, recebem um boicote: a IFBB divulgou que atletas de todas as categorias “devem reduzir a sua massa muscular em 20% do estágio individual atual” (JORNAL DA MUSCULAÇÃO & FITNESS, 2005), com o argumento de perda da feminilidade. A musculação foi um dos esportes onde houve uma grande resistência à participação feminina, que, muito depois dos homens pode ser inserida em campeonatos como halterofilismo e fisiculturismo, além disso, a utilização da musculação nos programas de treinamento das atletas, também, se deu mais tarde, em função da crença que as mulheres eram incapazes de realizar atividades que exigissem grande força física.

Nos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna as mulheres não podiam competir, sua inserção nas competições internacionais foi dando-se gradativamente, e mais lentamente naqueles esportes considerados masculinos, como: as lutas, o halterofilismo, o fisiculturismo e o futebol.

O Fisiculturismo é o esporte que tem como objetivo aumentar a massa muscular ao máximo. As competições avaliam a massa muscular, a densidade, vascularidade e textura da pele, dentre outros aspectos. O fisiculturismo, também denominado culturismo *ou* *Bodybuilding* feminino teve início oficialmente nos anos setenta quando as mulheres passam a participar em competições organizadas pelas federações. As Federações mais conhecidas e com maior número de filiações eram e permanecem sendo: NABBA, IFBB e NPC (GIANOLLA, 2005).

Com este estudo analisamos os discursos da árbitra, representante da equipe brasileira, que esteve na ilha de Malta em junho de 2010 durante a realização do *Worldchampionship 2010*, competição tradicional da mais antiga Federação internacional de culturismo, sediada na Inglaterra. As narrativas mostram o discurso crítico com relação a falta de critérios objetivos para as categorias femininas, pois, enquanto os homens são avaliados pelos critérios de volume, definição e proporção (harmonia), as mulheres são avaliadas por “feminilidade”. O que é feminilidade? O que exatamente avaliam?

O discurso é palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o humano falando. Assim temos a voz crítica:



## II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111  
www.sies.uem.br

No ano de 2010, na cinzena ilha de Malta, cheguei no dia 18 de junho juntamente com a equipe italiana, que ao me reconhecer do ano anterior logo veio perguntar quantos atletas vieram pela NABBA – Brasil e mais, quantas mulheres? Bem, creio que como já foi escrito no JMF a equipe brasileira vem causando um impacto nas competições européias, diga-se de passagem, muito bem representada. Neste último Mundial foram 6 atletas sendo 2 de cada categoria [...]. Vou iniciar escrevendo sobre a última categoria feminina que entrou no palco: as *Physiques*, que vivem sob a ameaça de extinção na NABBA Internacional, mas as páginas da história mostram que mesmo que determinada federação desportiva considere imprópria ou feia a participação feminina em algum esporte as atletas resistem e criam seus próprios meios para competir assim, por exemplo, nas 1ª olimpíadas que as atletas tiveram que criar os jogos da primavera. Ou com as fisiculturistas americanas que criaram a SPA (Superior *Physique* Association) hoje integrada a NPC.

A vitória espetacular de Larissa e Simone mostrou que o argumento de que essa modalidade as atletas ficam feias e androgênicas não é válida, pois mesmo nas categorias menores podemos ver varias atletas com muito menos volume, no entanto feias e androgênicas, pois essa é apenas uma questão muito simples: existem pessoas que não nasceram com genética para o desenvolvimento muscular, mas elas insistem e recorrem a tudo, ficando feias e não conseguindo o resultado que, aquelas atletas que tem genética alcançam sem estragar seu semblante (árbitra da equipe brasileira).

O culturismo feminino, nessa Federação, é dividido em quatro categorias: *Physique*, *Figure I* (acima de 1,63) e *II* (até 1,63), *Fitness*. As primeiras competições oficiais datam dos anos 80. Dos anos 80 até a década de 90 muita coisa mudou: a nutrição esportiva, a suplementação, os modelos de treinamento, os ergogenicos, enfim, as ciências que amparam o treinamento desportivo mudaram muito em questão de décadas. Se compararmos as atletas dos anos 80, como Cory e McLish, com as atletas dos anos subsequentes teremos o resultado das mudanças a ‘olho nú’. Lenda Murray em 1990 acabou com o imperio de Cory que durou 6 primeiras colocações no Olympia, a atleta, muito maior, com mais muscularidade, ficou sendo a fisiculturista com mais prêmios no Miss Olympia: 7 primeiros lugares (MISS OLYMPIA GALLERY, 2008). Uma mudança que veio sacudir este esporte e, que, hoje se traduz na medida drastica tomada pelas Federações de solicitação da redução da massa magra para mulheres de todas as categorias.

Estas mudanças no seio das federações que organizam as competições traduzem expectativas sociais com relação as mulheres e sua forma fisica. Estão ancoradas em estratégias de exclusão e reprodução dos papéis sexuais, dividindo as categorias femininas em mais femininas e menos femininas. Isso posto, vemos que o sexo e a sexualidade são critérios para avaliação das atletas, deixando para segundo plano a performance.

Continua a narrativa:

A categoria Figure II foi como sempre das brasileiras, se bem que acho que a colocação da Lilian Okubo deveria ter sido muito melhor, havia atletas sem definição nas pernas que ficaram antes dela. Uma lastima para quem saiu de uma 2ª colocação na Eslováquia cair para a 5ª colocação. Mas a vitória da belíssima Viviane Romanguera quem sabe represente para as Figures uma nova era: uma época de valorização dos critérios os quais a categoria foi criada: feminilidade, graça, leveza, músculos densos, mas, sem exagero, sensualidade sem vulgaridade, definição sem anorexia. Devemos sempre lembrar as palavras de Anna Koprovski: “*O FIGURE está destinado a ter um brilhante futuro neste país de mulheres belas, que cultivam hábitos saudáveis e a perfeição do corpo. Nem hipertrofia excessiva, nem movimentos acrobáticos de extrema dificuldade; apenas uma FIGURA de mulher com sua beleza valorizada por todos os acessórios femininos de sua preferência, como saltos bem altos, muitos brilhos e muitas cores, cabelos longos, fio dental valorizando a musculatura dos glúteos, desfilando no palco sua consciência de mulher plena (SITE DA NABBA, 2005).*” A bailarina da musculação, como já é conhecida Viviane Romanguera foi delicadamente derrubando suas adversárias e, chegou ao *overall* ao lado da gigante Russa. Com um belo sorriso estampado no rosto Viviane fez as poses de forma delicada e harmoniosa, com movimentos suaves e excelente postura de palco e deu aos seus fãs e ao seu marido e treinador André Santos esse presente: o *overall*. Garantido pela sua marcante concentração, presença de palco e musculatura densa sem exageros(árbitra da equipe brasileira).

O esporte enfatiza valores como velocidade, risco, tamanho, força, que são tradicionalmente valorizados no desenvolvimento do homem, fazendo com que as mulheres estejam em desvantagem, onde ser bem sucedida como atleta pode significar falhar como mulher por não conseguir cumprir os papéis socialmente designados a ela.

O papel designado as mulheres diz respeito então a idéia sensualidade, estar disposta ao olhar dominante, aqui traduzido na narrativa: “sem ser vulgar”. Premissas colocadas pela medicina desportiva desde os anos 50 quando se acirram as interdições ás atletas de várias modalidades.

A construção da feminilidade esculpida na imagem da mulher submissa, frágil, passiva, que se embeleza para atrair os homens, foi amplamente trabalhada pelos aparelhos: médico, jurídico e psiquiátrico e com o apoio do discurso científico. As teorias dos esportes, por longo tempo, buscaram seus fundamentos nas teses da ‘naturalização’ da fêmea como ser exclusivamente procriador para elaborar seus programas de treinamento e

exercício físico para mulheres, utilizando-se da biologia e da medicina desportiva, que exigia moderação sob o pretexto de preservar a saúde das mulheres.

Na atualidade, com o surgimento do mercado *fitness*, as mulheres tornaram-se alvo de campanhas e produtos. As atividades físicas por elas praticadas tornaram-se atrativo sexual sobre seus corpos, sendo esta uma nova face da incorporação do esporte como reserva masculina (LESSA; OSHITA, 2007). As reclamações quanto a outra modalidade demonstram insatisfação com as desigualdades de critérios:

Já no Figure I ganharam as gigantes, o que mais estranhou foi que no *overall* as gigantes não ganham? Vejam os resultados em 2009 e 2010, mas a questão é que nessa categoria nunca uma brasileira ficou em primeiro lugar, por que será? Porque essa categoria tem atletas do volume das *physiques* conforme comentários do técnico da Itália inconformado com a desclassificação da Sonia (3<sup>a</sup> colocada em 2009). Vai ser difícil para a recém chegada atleta da IFBB, Débora e a Tais alavancarem uma carreira internacional. Será por isso que perdemos uma das mais belas atletas que essa categoria já teve: a Andressa Vieira? Bem, sei que o critério deveria ser estético: graça, delicadeza, feminilidade, e o que vimos foi um show de músculos e poses de glúteos nada delicados [...]. Questionamos como uma categoria pode avaliar atletas de 1,64 e 1,90 ao mesmo tempo? Difícil concorrer? Seria por isso que o Brasil nunca se destaca nessa categoria? Afinal as mulheres do norte europeu são conhecidas por sua altura e volume muscular. Depois de falar das categorias Figure I e II fica a pergunta que não quer calar: porque na Figure I o critério é volume e na Figure II feminilidade? E por que no *overall* vence a feminilidade? (árbitra da equipe brasileira).

Ao questionar os critérios utilizados nas categorias Figure I e II ela aponta uma contradição entre volume, que seria relacionado a uma maior musculatura e feminilidade e vai além, pois iniciou a fala perguntando se ter volume muscular significa não ser feminina. Seu argumento vai mais longe, pois aponta a existência de atletas com menor volume e menos traços femininos. Ela conclui o relato apontando para o respeito às categorias maiores, que no Brasil nem possuem competições internas. É propositiva na medida em que solicita uma capa com a representante a campeã *Physique*. Diz:

Fica uma dica para as revistas de musculação: por favor, queremos uma capa com a campeã *Physique*, com uma mulher que atingiu altos níveis de desenvolvimento muscular sem perder a feminilidade e beleza, essa capa com certeza será parte de uma nova historia para a musculação feminina no Brasil, igual a história do culturismo feminino norte-americano de 10 anos atrás.

Para finalizar quero lembrar o que diz o mestre Gianolla (2003, p. 254):  
“De alguns anos para cá se tem à impressão de que há uma tendência internacional para desvalorizar a musculação feminina. (...) A imagem da musculação feminina se desgastou, pois as mulheres estão se tornando muito grandes e, socialmente, parece que isso não é bem aceito” (árbitra da equipe brasileira).

As condições do fisiculturismo, das competições, seguem uma reprodução de normas e valores sexistas. Existe uma avaliação generizada, enquanto os atletas masculinos são julgados por padrões objetivos, tais como a ‘muscularidade’ e ‘simetria’, as fisiculturistas tendem a serem julgadas como por critérios subjetivos, como ‘feminilidade’ e ‘beleza’. Dessa forma atletas das categorias maiores ficam desvalorizadas a medida que seu volume muscular que é um dos critério desse esporte é usado como medida para “falta de feminilidade”. Constantemente são modificados os padrões de julgamento, porém estes são modificados e definidos por homens. As lideranças seguem o mesmo padrão de outros esportes, são compostas prioritariamente por homens (HARGREAVES, 2000; PFISTER, 2006). Além disso, outros problemas são enfrentados pelas culturistas, este esporte é muito limitado para mulheres, o dinheiro da premiação para as mulheres é, freqüentemente, o equivalente a um quarto ou menos do que é oferecido aos fisiculturistas masculinos. Premiação em menos valor e falta de patrocínio fazem parte da realidade deste esporte para as mulheres. Menos publicidade também.

O esporte apesar de historicamente dominado pelos homens, pode ser interpretado como uma via de conquistas femininas, combatendo preconceitos, mitos e a opressão feminina nessa área, uma vez relacionados com a auto-estima, segurança, desempenho, autonomia dentre outros, podendo produzir novas oportunidades e reconhecimento do público.

## REFERÊNCIAS

CORY, outra vez. In: Músculos & Força. a. II, n. 11, p. 38-40, 1987.

DEVIDE, Fabiano Pries; VOTRE, Sebastião. J. Doping e Mulheres nos esportes. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v.27, n.1, p. 123-138, set. 2005.

GARCIA, Anna Maria. *FIGURE NO BRASIL*. Disponível em:  
<<http://www.nabba.com.br>>. Acesso em: dez de 2005.



GIANOLLA, Fabio. Musculação: conceitos básicos. Barueri: São Paulo: Manole, 2005.

HARGREAVES, Jennifer. *Heroines of sport: the politics of difference and identity*. London: New York: Routledge, 2000. 284p.

JORNAL DA MUSCULAÇÃO & FITNESS. São Paulo, a. X, n.57, p.60-64, mar/abr. 2005.

LESSA, Patrícia; OSHITA, Tais Akemi Dellai. *Bodybuilders ou Cyborgs? A reinvenção do corpo feminino*. Anais do Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas. Porto Alegre: UFRGS, 16-18 mai. 2007.

MISS OLYMPIA GALLERY. Disponível em:

<<http://www.ifbb.com/display.php?circa=2007>>. Acesso em: mar. 2008.

PFISTER, Gertrud. Líderes femininas em organizações esportivas: tendências mundiais. Movimento. v.9, n.2, Porto Alegre, p. 11-35, mai./ago. 2003. Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/viewArticle/2802>>. Acesso em 2006.

ROMERO, Elaine (org). Mulheres em movimento. Vitória: EDUFES, 1997.